

15

Fui roubado por Deus!

"... et ma pénitence fut si haute
que je n'avais plus peur de Dieu."

J. Planchet - La tentation de saint-
Antoine

me quando a vida, vida porque ainda não morreu! Se
 não sou digno de ser felizes, se não quero ser stur-
 tu, se não me dá os meus corações para o meu suicídio,
 se se dá-me em viver o resto da minha vida em um
 martírio porque eu já me sinto morto. Porque eu morri
 com aquela voz!...

— — —
 Henrique

pois em ti, foi de que me mandou te procurar. Bã
 estar! E meu futuro, o meu destino, estão em tus mãos.
 Venho, diante de ti, meu corpo e reconhecido, quas
 souso um santo, e abalatico como um ermitão. De que
 se canso um pouco, rebelado como um anarquista! Ah!
 Venho meu Deus, um reflexo perdido numa floresta em
 chamas não fôr o meu tormento, e heven que
 viddon as maximas de toda ma familia não fôr
 a minha rebelta! Ah! Venho meu Deus, e esse - minha
 peça, e esse - minha peça, porque a reza dos homens
 não fôr a reza. Eu só sei pedir como um tou, ou não
 sei rogar, implorar, suplicar. Mas assim - e que todos
 vejam! - em estado de jellhos, mãos postas, completamente
 humilde e humisso, e fôr que me desvelas a voz que
 era minha ~~amiga~~ amiga e minha irmã. Tu não
 queiras dela, já muitas vezes vides por ti, e só de
 via e pedir por mim! Eu não suplico, e não amo,
 e não sei viver a vida dos ^{alhos} ~~homens~~ ~~homens~~ ~~homens~~. A vida
 dos homens não me agrada, eu e o mundo não me
 amos bem, ha muito que o reneguei. Ah! Venho meu
 Deus, para me meter a que falta a oração, para
 e receber a um conforto se me falta a fé! Nada

minha como aqui nos profundos alicerces do deserto! Só
 por uma milagre, tu me desenvolverás a minha última
 esperança, só por uma milagre aquela voz se fará ou-
 vir novamente no mundo. Vida! É só este milagre
 a dar, porque não há outra fonte no deserto e já não há
 vida alguma!! Hoje, Senhor meu Deus, a minha vida é
 mais triste do que um altar abandonado, mais
 desoladora do que um altar destruído, mais desagrada-
 da do que um viajante perdido nos estêps! Porque me con-
 hastes aquela voz, que tanta me queira, que me fizes para
 mim? Eu não te fiz apegos, nem honras, nem prazeres,
 nem poder. Das coisas terrestres, eu só quero aquela voz;
 das coisas humanas eu só desejo aquela fonte; das coisas
 profanas eu só desejo aquela companhia! Ah! meu
 Deus, até este dilema! Escalhe! Eu sou inimiga
 do diabo e da sua gente até morrer; eu sou religiosa-
 mente fada que ela possa te dar: sua inteligência, sua vida,
 meu fi, meu coração, sua vida. Mas só teu! Eu sou heré-
 tica, sou impia, sou ateu; eu sou santa, sou casta,
 sou virtuosa! Eu quero a luz e te procuro, por
 isso eu estou aqui. Porque aquela voz, Senhor meu Deus,
 já era a tua, porque foi ela que me fez pensar

come, de minha mesma, por projecto, por sonho, por audição.
 Já não ouvia mais de minha voz. Não sentida a outra
 voz, não sentia a outra existência? Mas não ouvidos, cons-
 tante, involuntos, acuciadores, não recordavam os meus pla-
 ces! Em já não me constava como o silvar do
 vento, como o sibilar do trovão, como o ambientar dos
 vãos. Era um mundo para os outros homens; e entre eles,
 a outra voz não se fundia à minha. Mas tu, oh! meu Deus,
 a chama-te, tu fizeste calar essa voz que me fedia para
 mim! Tu me chamaste, tu me chamaste! Mas, antes de
 se acabar a tua missão, em ajuda a outra que me
 me ouvia: ela me disse que tu a chamavas, para a tua
 companhia, tu a separas de mim.

Agora; não sinto dentro de mim os cinco los-
 mos sonhos e a forma dos meus projectos. Sinto-me
 embaldada por um silêncio aterrador, como se fides o movi-
 mento parasse na minha. Tu tu, oh! meu Deus,
 és capaz de fazer fechar sobre mim os cinco los-
 minha esperança, és tu és capaz de fazer saltar o entusiasmo
 à minha alma. Tu não ouves os meus queixos? Tu
 não ouves os meus queixos? Não, não! Agora
 sou te amargo! Que fecho me a poder? Já não sinto

Vinda, em te de afis! Tu me achas, mas não me
 entendes, não me dizes. Tu estás a falar-me a
 falar sigiloso, sem afis, sem confiança, sem amor. Tu sempre
 abes o mundo como um livro, e de ninguém me com-
 prenderes, e de ninguém me amas. Mas uma tia, mãe
 de silvares e de de francez, p - voz responde a minha,
 me começa a ensinar a falar com o nome. E nunca
 mais a dita. Tu todo a desato em me sentir sempre
 chado, e não lido, amparado. Alguns vicia, os men lido
 e me ensinava a falar. E com a legião de amara, com
 a trilha de mescalto, não dá, e tabam sempre juntos
 no deserto. E quando o céu ficava escuro e a noite se
 levantava, um montinho encachado, em volta aquela
 luz, que não se abandonava, e vinha. Então eu me lem-
 brava do tempo em que eu era só e sozinho, no tempo
 em que eu só me batia de meu próprio coração e o
 pulso de minha angustia. Agora, não! E já sentia al-
 guma presença mais, eu já sentia uma alegria inédita. E
 nos dias de trilha e de silvares, quando toda palavra me
 e a os olhos luziam no céu, eu começava a fazer projetos,
 a imaginar planos, a criar sonhos! Toda a minha futura eu
 projeto. Fiz de meu próprio sangue, de minha própria

Hoje, eu quero em ti como odio e como medo, como
 desconfiança e como hesitação. Eu estou em dúvida, eu
 quero acreditar mas não posso, eu quero ser feliz mas
 não consigo. Nada se passa em mim e minha vontade
 de agir, nada se passa dentro de mim ao meu gosto de
 fé. Eu tenho necessidade de crer, eu quero, eu preciso, eu
 quero acreditar sem dúvidas, sem hesitações, sem desconfian-
 ças. Mas antes de ser entregue a dúvidas, antes de
 assistir a derrocada das minhas crenças antigas, antes
 que as minhas convicções desapareçam como o perfume
 do sol e eu seja um dos seus, eu quero de before que
 alguma vez toda a minha rebeldia, toda a meu odio:
 Eu quero Deus, tu me combates! Eu quero
 meu Deus, tu és meu rival! Um de nós dois tem
 que desaparecer do mundo! O mundo é demasiado
 pequeno para nós dois! Tu foste muito cruel comigo,
 se não conseguiste destruir-me de tua existência
 e da minha presença, deixas-me agridão. Tu me com-
 bates a minha rebeldia, deixas, tu me combates a
 minha única esperança! Hoje estou desconfiado como
 um marfago, maltrapilho como um mendigo, triste
 como um infante. Eu me impeto a tu combates! Eu

tristezas, jamais me imperti com duvidas, com
 poeiras, com glórias, com elegias, com insignias. Nada
 me satisfiz. Eu sentia em mim uma sede de eterno,
 eu queria ser feliz, eu sempre quiz ser feliz, eu queria
 a paz consigo mesmo e com o mundo, viver para
 a felicidade das outras pessoas. Eu fui poeta — nos
 sciences e nos philosophes, me soliditei e me loguei, me abra-
 ce e me meditei, me odie e me rebelte — eu procurei a
 felicidade passante e bebida, a felicidade segura e com-
 pleta, e não a encontrei. Nunca estive de acordo comigo
 e com o mundo. Nunca senti em mim, me mais
 propensão de viver mesmo, me galinha sem cabeça de oga-
 dimento e de elegia. Nunca fui feliz, jamais gozei! Sempre
 vivi me confuso, me desolado, me angustiado de guerra
 me morte que me dá de dia terrível. Toda a minha
 vida foi inutil e vazia. Até hoje não realizei nada,
 até agora não vivi nada. Minha vida era uma
 fumaça silenciosa, me semba me, me quieto quebrado. Eu
 esperava o momento, me preparava o vago! Me, me Deus!
 naquele tempo, tu não me perdoas. Tu de certeza
 — me existia — se é que existes! Tu não me inter-
 cessas, ainda me tens impressado me minha obra.

a recordando em seu espirito. E ele, como sempre
 expectado e recolhido em si mesmo, foi assistido
 e alegrando-se com as lembranças evocadas. De
 repente, suas recordações se interromperam brusca-
 mente, e elle começou a sentir — um angustia-
 mente de ainda ha pouco, que lhe veio os car-
 nos, e alma, e ossos. E todo elle foi sentido por uma
 dôr aguda, por uma vontade irresistivel de chorar. Em
 face do desespero que elle estava ali em pé e abando-
 nado. E desquadrado, com longuissimos suspiros, de
 braços para o ar, sem medo de ninguém, e espe-
 ralha de todos que o podessem ouvir, elle gritou para
 Deus, elle assim se dirigiu a Deus, só — Deus:

— Óh! meu Deus! he tu só, he tu só, he tu só
 que me salvaste, dá-me um sinal de tua presen-
 ça! Eu quero acudido em ti, eu quero viver contigo!
 Eu és a minha meditação constante, si em ti eu
 tenho pensado, tu me achas toda a minha alma. Eu
 sempre fui sincero, eu sempre fui honesto, e nunca
 consegui ser feliz. Eu toda parte eu busquei essa
 felicidade duradoura e plena. As vitórias de toda a vida
 não me bastaram, os titulos honorificos nunca me in-

deixis no mais mandito de vos mesmo, que
 fare a vossa propria vida, que resumisse em si todo
 o voso destino, todo o voso futuro, todo o voso mal. So
 depois de fides imaginada assim e que conseguireis
 acabar a tristiza e a miseria de tranca que
 foi mandado por Deus! Ele oculta o seu rigido
 de vossa curiosidade perversa, ele oculta a sua
 alma do voso olhar profano. Ele sente-se
 difringido e humilhado pelo olhar de Deus!
 Ele e ciumento e orgulhoso do seu refinamento,
 porque pode fazer mais do que vos. So Deus
 e ele conhecem a sua angustia. So com Deus,
 ele discute a condicao. Porque so Deus e o unico
 culpado do seu fomento, so Deus e capaz de lhe
 restituir o seu tranca. So tranca, desceis
 de terra, ele nada mais que. Uma vez este
 homem sentiu em si o favelhinha da rebelta,
 minutos dias de viver de apuro. Ele se quebra
 na hora de sua vinganca, e ele ameaça no meio
 do favelhinha. E por isso ele procura os tranca para
 a vingar e confundir - tu, com eles, nos cofes, nos
~~esses~~ essas, nos pates, nos suas, e andam em, inestabi-

Fui rebudado por Deus!

Por sobre a terra, sem que ninguém
 saiba, sem que ninguém saiba, sem que ninguém
 veja, ha um homem que foi rebudado por Deus! Ele
 passa por vós, ele vive entre vós, ele vos frequenta,
 mas vós não suscitais nada da sua historia. La
 re vós, ele continua a mesma honra: ele não foi
 rebudado em diabolico, em juizo, em titulos, negociavel,
 B, do outro mundo, do mundano, do irreparavel, do
 grande mundo, vós não comprehendis nada! O mundo
 de Deus foi mais sereno, mais espiritual, mais cruel.
 La mais que imaginis todos os rigores deste e de
 outros planetas, ainda sem forças em comparação
 á que ele podes. Imaginai uma parola, apalhada
 no mais profundo do mar, cuja aquisição custasse
 a ^{1.ª} ~~parte~~ de um milhao de negociantes e a
 fortuna de mil banqueiros. Imaginai na vossa
 imaginação; imaginai sempre, quando litor, porque
 tudo será forças! Mas, imaginai agora uma parola
 nascida de vossa propria alma, que fore um
 pedaco de vós mesmos, que vos figureis mesmo de
 forma, sede, fis, fole de ar, para abirentá-la e
 dar-lhe vida. Imaginai uma parola que vós guar-